



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IVY ESTEVES DE LIMA

Imaginário, Realização profissional: O aspecto da realização e satisfação
profissional, na escolha de ser professor.

Orientador: Prof Dr Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro
Agosto de 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ser professor: Imaginário da realização profissional do professor.

IVY ESTEVES DE LIMA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof Dr Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro

Agosto de 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ser professor: Imaginário da realização profissional do professor.

IVY ESTEVES DE LIMA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof Dr Reuber Gerbassi Scofano

Professora convidada: Prof^a Dr^a Marta Lima de Souza

Professora convidada: Prof^a Dr^a Elaine Constant Pereira de Souza

**Rio de Janeiro,
Agosto de 2016**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e aos meus pais, que com toda humildade me ensinaram o sentido do verdadeiro amor sendo uma verdadeira família. A minha afilhada Luiza, que foi um ser de luz que apareceu na minha vida e de minha família e que me dá força pra seguir. Por fim, a meu extraordinário orientador Reuber Scofano, uma das melhores pessoas que a vida me apresentou, exemplo de educador e amigo, sempre atencioso, paciente e compreensivo. Sem vocês esse trabalho não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por me incentivarem e financiarem essa minha longa jornada na Universidade, por cada esforço, cada sacrifício cada ajuda concedida por eles para que eu pudesse alcançar novos objetivos e realizar meus sonhos.

A minha afilhada Luiza por ser amiga, companheira mesmo tão pequena, sempre foi minha luz e força, me acompanhou em muitas aulas e amava estar ali. A minha pequena grande filha de coração e alma. Obrigada por tudo, você não sabe o quanto me ajudou e encorajou.

A minha amiga-irmã Gisele Godinho por ouvir meus desabafos e minhas angústias, estando sempre disposta a me proporcionar momentos de boas risadas e me encorajando a seguir em frente, me fazendo acreditar que “impossível é possível.”

A minha amiga-irmã de alma, Marina Alves por transmissão de fé, pensamentos positivos e vibrações por todo esse tempo de construção deste trabalho
A minha amiga Daniele Espadete que foi uma surpresa e um enorme presente nos semestre nos meus semestre finais na Universidade, sempre me dando suporte, ajuda, ombro amigo, compreensão e calma.

A minha tia Dóris, sempre acreditando e incentivando para o meu sucesso. Ao meu primo Paulo, que me deu total suporte na reta final deste trabalho, o meu muito obrigada.

Ao meu querido Itamar, que me cedeu por tanto tempo sua xérox para passar tempo esperando o intervalo de uma aula para outra e mas que isso, por ter sempre um ombro amigo, um sorriso no rosto e uma palavra incentivadora. Eternamente grata por conhece um ser humano tão incrível.

Aos professores da UFRJ, em especial: Elaine Constant, Regina Celi, Marta Lima, Luciene Cerdas, por tamanho conhecimento adquirido ao longo da graduação.
E, finalmente, ao meu excelente orientador Reuber Scofano, palavras não serão suficientes para descrever meu respeito e admiração. Aquele que foi, é, e sempre será minha maior inspiração. Agradeço imensamente por acreditar em mim, e não desistir, mesmo em meus momentos mais difíceis e de desespero. Dedico todo meu reconhecimento pela sua dedicação, atenção, simpatia,

inteligência e disponibilidade em me auxiliar nas situações de dúvidas contribuindo para meu crescimento. E por fim, por ser meu exemplo de pessoa e profissional que levarei para toda a vida.

“Nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha.”

Gaston Bachelard

Sumário

Capítulo 1 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA	14
1.1 Representações Sociais (por Moscovici)	14
1.2- Imaginação Simbólica (por Gilbert Durand)	19
Capítulo 2 - ELABORAÇÃO DA PESQUISA	22
2.1 - Caminhos para a construção e realização da entrevista	23
Pergunta 1 – Que aspectos você valoriza como elemento fundamental na sua realização como professor e como desenvolveu a partir da sua formação.	23
Pergunta 2 – Quais os aspectos que você considera que mais atrapalharam e de certa forma ainda atrapalham uma realização mais ampla do seu trabalho.	23
Capítulo 3 – ENTREVISTAS	24
Entrevista 1:	24
Entrevista 2:	25
Entrevista 3	26
Capítulo 4 – ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA.	28
Capítulo 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
Capítulo 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS	35

RESUMO

A presente investigação se insere na pesquisa sobre a satisfação e realização na escolha de ser professor, e todos os sentimentos que envolvem essa satisfação e realização. Tem como objetivo específico conhecer um pouco os elementos da história de vida dos professores aqui representados, a fim de identificar quais sentimentos ali envolvidos contribuem para a realização e satisfação no exercício da docência. Compreender como foi constituída a história de vida desses professores até chegar a docência e investigar quais são as representações dos sentimentos de realização e satisfação profissional e por fim reconhecer como esses profissionais driblam as dificuldades encontradas em sala de aula no seu dia-a-dia de trabalho, sem que interfira na sua satisfação e realização profissional. Deste modo primeiramente foi realizada a seleção de 3 (três) professores, de uma escola filantrópica localizada no Meier, zona norte do Rio de Janeiro. Esta seleção foi através de uma conversa e após isso foi feita uma entrevista com 2 (duas) perguntas abertas, sobre o tema, para que fossem respondidas de maneira livre mais que correspondessem ao que foi perguntado. Como suporte teórico foi usada as ponderações de Moscovici (2010) que trata de relações sociais, Durand (1998) para tratar da parte do imaginário, com Imaginação simbólica, e para a análise de contudo o suporte foi dado por Laurence Bardin (2011) além das contribuições de Oliveira (2002) para o mesmo fim. Concluiu-se o aspecto da realização e satisfação profissional está diretamente ligada aos sentimentos de gostar, amar, carinho, que está impregnado aos professores entrevistados, e mas, que esta realização não é de nenhuma forma interferida pelos problemas e barreiras encontradas em sala de aula, e que são esses próprios sentimentos que fazem com que esses professores superem as dificuldades encontradas no dia-a-dia.

Palavras chave: Satisfação, realização profissional, Representações, Imaginário.

ABSTRACT

This research fits into the research on the satisfaction and fulfillment in the choice of being a teacher, and all the feelings that involve the satisfaction and fulfillment. Its specific objective know some elements of the history of life of teachers represented here in order to identify which feelings involved here contribute to the fulfillment and satisfaction in the teaching profession. Understanding how was made the life history of these teachers to get teaching and investigate what are the representations of feelings of accomplishment and job satisfaction and finally recognize how these professionals circumvent the difficulties encountered in the classroom on a day-to-day work without interfering in their professional satisfaction and motivation. Thus it was first carried out the selection of three (3) teachers, a philanthropic school located in Meier, north of Rio de Janeiro. This selection was through a conversation and after that an interview was conducted with two (2) open questions on the subject, to be answered in a free way more that corresponded to what was asked. Theoretical support was used the weights of Moscovici (2010) which deals with social, Durand (1998) to deal with the part of the imaginary, with symbolic imagination, and the yet to review the support was given by Laurence Bardin (2011) as well Oliveira of contributions (2002) for the same purpose. It was concluded the aspect of fulfillment and job satisfaction is directly linked to feelings of like, love, affection, which is impregnated the teachers interviewed, and but that this achievement is in no way interfered with the problems and barriers encountered in the classroom and that these are own feelings that make these teachers overcome the difficulties encountered in day-to-day.

Keywords: Satisfaction, professional achievement, representations ,Imaginarium.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa vem com o intuito de falar sobre satisfação e realização do professor, este tema tem despertado meu interesse e porque quase não leio ou não ouço falar sobre. Ao contrário disso, muito se fala e escreve, ultimamente, sobre a insatisfação que tem afligido os professores, do estresse, do baixo salário, da falta de estrutura, da desvalorização, itens que com certeza apareceram aqui, mas que de fato não são foco da investigação, e sim os aspectos positivos e que levam a realização e satisfação do professor.

Para a pesquisa usarei o método biográfico, trabalhando com a teoria do imaginário, mais precisamente com o livro *Imaginação Simbólica* de Durand com objetivo conhecer o trajeto formativo de professores desses professores do Ensino Fundamental I, de uma escola filantrópica da zona norte do Rio de Janeiro, com sentimento de satisfação profissional e buscando, ainda, investigar as representações dos professores acerca da satisfação profissional e conhecer os elementos da história de vida dos professores relativos à mesma.

No processo da pesquisa, que foi desde a seleção das professoras que tivessem o perfil para entrevistadas, até a entrevista de fato. Apesar de saber já que eram realizadas, pois o perfil procurado era exatamente esse, percebi que elas eram mais realizadas do que eu imaginava, e mais ainda por saber que algumas delas nem se quer sonhava, pensava, cogitava ou imaginava ser professora. Fiquei surpresa ao constatar, com as mesmas, o quanto elas sentiam-se realizadas e satisfeitas com a profissão, mesmo após vários anos na carreira docente e com os problemas que enfrentam cotidianamente (mencionados por elas).

A minha motivação para o tema desta pesquisa, surgiu nos meus longos anos de Universidade, e dos contatos com estágios curriculares e não-curriculares também. Nessas experiências, e principalmente não de estágios curriculares, onde eu tinha que estagiar na rede municipal do Rio de Janeiro o cenário sempre foi de muita insatisfação em sua grande maioria. Escutei por muitas vezes, várias daquelas professoras me perguntarem se eu queria mesmo ser professora. Muitas delas até falavam para eu mudar enquanto tinha tempo, porque essa profissão já não era mais vida para ninguém.

Muito intrigada com esse cenário, ainda nos estágios, procurei achar e observar professoras com perfis diferentes desses que reclamavam. Comecei a conversar informalmente e perguntar justamente pelos obstáculos e as dificuldades que elas encontravam no dia-a-dia a fim de descobrir delas se mesmo assim elas se sentiam realizadas, e como aqueles problemas não interferiam nesse sentimento de realização.

Pude ouvir os relatos de várias dessas professoras a respeito da profissão e percebi que muitos estão realizados profissionalmente, demonstram ter satisfação profissional, descrevendo um sentimento positivo e intenso em relação à docência.

Diversos relatos de professores em que a entrada na docência não se deu por uma escolha, mas como única opção possível na época. Foi então que eu fiquei intrigada a também entender o que há na profissão docente que faz com que, mesmo para quem não teve outra opção profissional, ela seja produtora de um sentimento tão intenso de satisfação?

Há atualmente um imaginário negativo no que diz respeito a profissão docente. Onde é considerada uma profissão que “não vale a pena” e é tão desvalorizada a ponto de ser considerada, por muitos, como a única escolha daqueles que não conseguem ingressar em profissões “melhores” ou mais bem remuneradas. Os professores, com suas falas de desprestígio à docência, só acabam por contribuir para a difusão deste imaginário.

Só que o que é mais na mídia, nos artigos, nos jornais, nos discursos e até mesmo nas pesquisas, é o lado negativo da profissão, a supervalorização não dando espaço para a divulgação desse lado positivo, satisfatório e de realização na escolha da docência. Dito isto, acredito que tem que partir do professor a mudança de discurso em relação à docência. Parar de evidenciar o lado negativo, que já é tão exposto e começar a dar ênfase aos positivos para que se mude o imaginário que se tem sobre a profissão de professor. E é pensando nisso que eu resolvi fazer uma pesquisa voltada aos aspectos positivos de realização e satisfação e todos os sentimentos que o envolve. Para desenvolver esta pesquisa, como já explicado, fui feita uma seleção de professores com perfil desejado, e após isso uma entrevista com 2 (duas) perguntas abertas para que fossem respondidas livremente mas de acordo com o tema da pesquisa. As perguntas englobam desde a história de vida (onde estudaram, algum fato marcante, professor marcante etc), até os aspectos considerados por eles que mais atrapalham a realização e satisfação plena deles, com intuito de encontrar os problemas do dia-a-dia e como eles são tratados, de maneira que venha a interferir ou não nesses sentimentos de satisfação e realização.

A pesquisa também tem intuito de evidenciar que sentimentos são esses encontrados com essas professoras que expressam de fato sua realização e satisfação na docência. Por isso utilizei também, um pouco do método história de vida porque segundo Oliveira (2004), com elas podemos nos aproximar dos imaginários docentes, tentando conhecer as representações dos professores sobre a docência, sobre seus processos formativos e sobre os significados e sentidos que eles foram construindo durante suas trajetórias pessoais e profissionais.

Utilizarei também o autor Moscovici, para entender sobre as relações sociais onde estão implícitas todas essas questões do imaginário, de sentimento, de troca de experiências, de relação um com o outros, e relação de grupo.

Para questões de análise de dados da pesquisa, fiz leitura de Laurence Bardin, mas tive bastante suporte com Oliveira.

Então por fim ressalto que a pesquisa realizada será de abordagem qualitativa, e de método biográfico, análise de trajetórias profissionais, onde usarei parte das histórias de vida 3 (três) professores da educação básica, focando no ensino fundamental 1(séries iniciais), encontrados através de uma seleção baseada em conversas, afim de identificar neste meio os profissionais no perfil da pesquisa. Depois de identificados esses profissionais, é feita a entrevista a fim de responder as questões da aqui trabalhadas.

Capítulo 1 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA

1.1 Representações Sociais (por Moscovici)

Para iniciar esta pesquisa, procurei entender um pouco sobre as representações sociais e tudo que a envolve. Então para este fim, resolvi usar o autor Serge Moscovici, um psicólogo social romeno naturalizado francês, nascido na Romênia que desiludido com o comunismo imigrou para França onde começou então estudar psicologia.

Nesta pesquisa, usarei a obra “*Representações sociais: Investigações em Psicologia social*” para entender e referenciar sobre o assunto.

As Representações Sociais(RS) são conjuntos de conceitos e explicações que surgem no cotidiano dos indivíduos através de suas interações e interações entre grupos. Ganham significados por meio da comunicação e estes significados explicam a realidade social (MOSCOVICI,2009)

O autor fala que a teoria das representações sociais não é vaga, como alguns a tratavam. Ele acredita e adota uma perspectiva “genética” na percepção do conhecimento cotidiano mobilizados pelos indivíduos em meio as suas interações sociais. As Representações Sociais(RS) é caracterizada como um conjunto de valores, ideias e práticas, estas com função dupla de ajustar o mundo e de ser prescritivas. Sendo assim as RS têm vida própria, conversam entre si, passam para aparecer em novas representações. Segundo Moscovici (2009, p. 48) o senso comum é “*a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e dos sentidos, sem o qual nenhuma coletividade pode operar*”.

Moscovici (2009) aponta mais a frente ideia de uma distinção entre dois universos. O reificado onde todas as coisas são a medida do ser humano. Considerando a sociedade como um sistema de diferentes papéis, estes desiguais, onde apenas alguns são detentores do saber. Esse seria o universo científico, ou seja, a realidade é construída pela ciência. No universo consensual, o ser humano é a medida para todas as coisas. As pessoas são livres e iguais, todos possuem direito de falar em nome do grupo. Sendo assim esse universo baseia-se em

convenções linguísticas. Deste modo, as representações sociais são erguidas no universo consensual, viabilizando que o conhecimento se torne acessível a qualquer indivíduo ou grupo.

As Representações sociais carregam uma natureza convencional e prescritiva. Convencional porque ela categoriza objetos, indivíduos e acontecimentos, dando assim uma forma que se põe como modelo. E por outro lado são prescritivas na medida em que impõe o passado sobre o presente. Sendo assim, pode-se dizer que as representações sociais tem como função tornar familiar aquilo que é não-familiar. Considerando aqui que a concepção de não-familiar se trata de ideias e ações que perturbam e causam tensão. (MOSCOVICI, 2009).

De acordo com Moscovici (2009 p. 34) As representações sociais

[...] *convencionalizamos* objetos, pessoas ou acontecimentos que encontramos. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos esses novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele.

Essas convenções nos dão possibilidade de conhecer o que representa o quê, como por exemplo, uma doença e seus sintomas, sendo assim colaboram para que consigamos resolver problemas em geral, e além disso, saber quando e de que modo interpretar alguma mensagem, sabendo se é significativa ou não em relação a outras ou se é acontecimento casual, que acontece ao acaso sem que seja planejado.

Sobre as representações prescritivas o autor escreve da seguinte forma, Moscovici (2009 p. 36)

[...] representações *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é a combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado.

Voltando a questão do não-familiar, que considero de suma importância para o desenrolar dessa pesquisa, entendemos que para apossar-se do sentido de tal termo, ou seja, para criar uma representação social, Segundo (MOSCOVICI, 2009) ocorrem dois processos de suma importância, que é a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem trata-se de um processo onde ocorre a classificação do objeto ou ideia de não-familiar dentro de alguma categoria que seja denominada familiar, para que assim seja

possível representá-lo. Já a objetivação consiste na existência objetiva daquilo que foi teoricamente elaborado e depois intersubjetivamente compartilhado, adquirindo assim maturidade. Moscovici (2009 p.71) afirma que objetivar é “reproduzir um conceito e uma imagem”.

Posto isso, também é notório que por outro lado a teoria das Representações Sociais tem como ponto de partida os indivíduos e suas diversidades, atitudes, fenômenos. Com isto o objetivo principal seria descobrir como esses indivíduos e grupos podem constituir um mundo sólido e previsível mesmo com toda essa diversidade que encontramos.

Este livre me fez refletir sobre minha pesquisa, já que estou falando sobre todas ações e sentimentos que envolvem o indivíduo, no caso aqui o professor, a reagir de forma positiva e prazerosa a sua profissão, mesmo que em seu meio encontrem diversos colegas de profissão em situação extremamente contrária a sua. Com sentimentos inversos ao que os pesquisados aqui se encontram, mesmo que trabalhando nas mesmas condições. É curioso perceber que mesmo com essas incompatibilidades eles constituem o mesmo universo, mesmo que divergindo de certos aspectos, se aceitam.

Para Moscovici (2009 p.157), o indivíduo é um produto da sociedade, ou seja, a sociedade acaba por moldar o indivíduo através de suas crenças e normas que acentuam sua individualidade em seus comportamentos.

Mesmo com isso, podemos observar que alguns indivíduos, como os pesquisados, não deixam que o pensamento da sociedade interfira no que ele acha ou pensa, e sente. Muitas vezes isso acontece pela sua trajetória de vida e também profissional. Desde a escolha de ser professor, a formação, o início na docência e o caminho percorrido até então. As trajetórias por mais parecidas que sejam nunca são iguais, cada uma tem suas individualidades, surpresas, problemas, superações, dentre outras coisas.

Segundo Moscovici (2009 p.169)

“[...] nossas faculdades individuais de percepção e observação do mundo externo são capazes de produzir conhecimento verdadeiro, enquanto fatores sociais provocam distorções e desvio em nossas crenças e em nosso conhecimento de mundo”.

Sendo assim, como já dito anteriormente, as nossas vivências individuais interferem na forma que interpretaremos tal coisa sem que o senso comum nos influencie, já que os sentimentos que envolvem um indivíduo por mais parecido que seja ao do outro, é particular e individual.

Logo adiante o autor fala sobre as representações partilhadas, ou seja, aquilo que é comum entre os indivíduos e/ou grupo, as crenças, os sentimentos, as realidades entre diversas, como também aqui que não é comum entre alguns indivíduos por algum motivo, mas que se é partilhado e que pode gerar sentido para aquilo que até então não era conhecido, observado ou entendido. E isso é algo que abordaremos também nessa pesquisa, mais adiante. Por fim, para o autor, a função dessas tais representações partilhadas é responder ao desejo de nos familiarizar com aquilo que não é familiar.

Segundo Moscovici (2009, p. 207)

A motivação para elaboração de representações sociais não é, pois, uma procura por um acordo entre nossas idéias e a realidade de uma ordem introduzida no caos do fenômeno ou, para simplificar, um modo complexo, mas a tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar; e isso à medida que o estranho pressuponha uma falta de comunicação dentro do grupo, em relação ao mundo [...].

As representações sociais têm como função, primeiramente, e de suma importância, fazer com que a comunicação ocorra entre os grupos ocorra de um forma que não seja problemática, que não gere problemas pra nenhum dos indivíduos, e também reduzir tudo aquilo que é ‘vago’ ali, fazendo com que haja certo consenso entre eles. É através dessa comunicação que gera o encontro das compatibilidades entre os indivíduos pertencentes aos grupos, sejam essas de valores, imagens, entre outros modelos simbólicos que as pessoas são orientadas. “[...] nesse processo, as pessoas adquirem um repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicadas à vida cotidiana, do mesmo modo que a expressão linguística são acessíveis a todos.” (MOSCOVICI, 2009)

Já sobre representações partilhadas ela ganha esse caráter porque tudo que foi construído ali, foi feito pela comunicação e por estarem também relacionados a comunicação. Isto é, como se fossem conexões de ideias, imagens, metáforas que são não em sua totalidade, mas em parte interligadas mais de forma livre, o que as torna flexível e fluida.

O processo de troca e formação de ideias é de suma importância e acima de tudo necessário, pois é com essa troca que pensamos e compreendemos além de poder enxergar de forma mais atenta e que nos ajudam a manter um elo social, e com isso dar continuidade a toda comunicação. “Não há representações sociais sem linguagem, do mesmo modo que sem elas não há sociedade.” (MOSCOVICI 2009, p. 219). Isso confirma o que foi dito acima, de que a comunicação é de suma importância para o desenvolvimento e progresso da sociedade.

As Representações Sociais não são de forma alguma estáveis, elas mudam de acordo com a sociedade, mesmo existindo antes, durante e depois dos indivíduos ela se molda conforme eles, o que constitui a sociedade com suas crenças, questionamentos, inquietações e diversas outras coisas. Elas possuem uma realidade que, mesmo sendo simbólica, ou seja trabalhando com o psicológico, mental e tudo que envolve o psíquico, ela é real.

Para finalizar a reflexão a respeito das Representações Sociais, que como já disse, vai ser de suma importância para o andamento e confecção dessa pesquisa, deixo uma última citação do autor da obra estudada.

“Representações coletivas ou sociais são a força da sociedade que se comunica e se transforma”. (MOSCOVICI, 2009 P. 287)

As representações sociais tem função de orientar e dar sentido aos sujeitos em sua vida cotidiana posicionando-o entre os conceitos técnicos e científicos que dão forma e sentido ao mundo tornando compreensível todas as ideias que procuram representar este mundo. Elas se tornam cada vez mais presentes e participantes enquanto não existir teorias que explique de forma consolidada a realidade.

As representações sociais aparecem como uma das formas de funcionamento originárias do imaginário tem como origem o processo racional, mas transposto de elementos míticos e imaginais. Localiza-se na esfera dos signos atuando como uma visão de mundo coerente e racionalizado.

1.2- Imaginação Simbólica (por Gilbert Durand)

Na segunda parte desse primeiro capítulo, vou inserir também a ideia de imaginário usada por *Gilbert Durand*, e para essa finalidade, usarei o livro “*A Imaginação Simbólica*” do referido autor.

Durand coloca já no início de sua obra, a existência de duas maneiras que a consciência possui para representar a realidade: uma direta e outra indireta. Na direta, a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. Já na indireta, a coisa não pode ser apresentada de carne e osso à sensibilidade, como em recordações, imaginação de paisagens em outros planetas, etc. Nesse último caso, o objeto ausente é “re-presentado” na consciência por uma imagem.

A consciência dispõe de diferentes graus de imagem, a qual pode ser a cópia fiel da sensação ou somente notar a coisa. Sendo assim, a imagem pode ter dois extremos: um que é dado pela adequação total de uma presença perceptiva (uma casa), como também pela inadequação mais extrema de um signo totalmente viúvo de significado (a casa da infância), esta seria o símbolo.

A representação da realidade por um modo indireto, se dá através do símbolo (um signo eternamente viúvo de significado – a casa da infância). Essas representações indiretas, constituem segundo Durand (1964), a imaginação simbólica, que podem ser expressas através de alegorias, emblemas, narrativas alegóricas, mitos, parábolas.

O símbolo pertence à categoria do signo. É possível verificar a existência, pelo menos teórica, de dois tipos de signos: os arbitrários, que são puramente indicativos, ou seja, remetem a uma realidade que puramente significada, presente, apresentável. E os alegóricos, que remetem a uma realidade significada que dificilmente é apresentável, sendo assim tem que ser figurada de forma concreta uma parte da realidade que signifique aquilo que de fato esta sendo referido.

Finalmente chegando a falar sobre a imaginação simbólica propriamente dita, quando o significado não é de modo algum apresentado e o signo só pode referir-se a um sentido e não a

uma coisa sensível. Durand (1964) usa as ideias de Jung para definir o símbolo como “a melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não conseguíamos designar inicialmente de uma maneira mais clara e mais característica”. E ainda utilizando Jung, esclarece que “a diferença entre uma representação simbólica e uma representação alegórica reside no fato de que esta última dá unicamente uma noção geral, ou uma ideia que é diferente de si mesma, enquanto a primeira é a própria ideia tomada sensível e encarnada.” E completa dizendo que o símbolo seria o inverso da alegoria, já que esta faz parte de uma ideia (abstrata) para chegar a uma figura, e o símbolo é primeiro em si figura, sendo assim, fonte, entre outras coisas de ideias.

O símbolo tem em sua natureza o significado inacessível, aparece através do e no significante, do indizível. Para o autor, o símbolo é a epifania de um mistério, pois é a transfiguração de uma representação concreta através de um sentido sempre abstrato. Signos, símbolos, relações, imaginação simbólica. Uma das condições do exercício da atividade imaginativa é a liberdade, fazendo da imaginação é uma das responsáveis pelo equilíbrio humano. Sendo assim a imaginação simbólica tem bastante influência nas relações sociais e para a formação da realidade social de cada indivíduo e/ou grupo.

O imaginário vem como representação, o fundamento não cognitivo da representação social, articulando sua causalidade figurativa e a sua face simbólica.

O mito é existente em nossa sociedade, justamente porque integra a natureza humana surgindo da necessidade de resolver questões como o enfrentamento entre a natureza e a cultura.

Os símbolos e mitos podem se tornar projeções da eminência dos medos, vontades, interesses, desejos, anseios, moldando assim comportamentos postura, condutas e visões de mundo uma vez que seja comum a muitas pessoas gerando um corpo social de sentido e consolidando uma determinada visão de mundo. Sendo assim, o campo do imaginário é também um campo de enfrentamento político.

Nos momentos de mudança política e social são extremamente importantes, mais ainda quando se configura novas identidades coletivas. Colocando em questão a dualidade dos acontecimentos sociais, ou seja, a sua dupla referência ao real prático e experimental e sua função no campo da imaginação, isto é, a posição que ocupa no imaginário do grupo social.

Presumisse, contudo, que os elementos do mundo imaginário e mítico sejam responsáveis pelo papel adaptador entre o pensamento, o sentido e a ação do sujeito de forma totalitária tanto no campo racional quanto no campo afetivo, desta forma propiciado pela função transcendente dos símbolos existente nos míticos e imaginais da representação social.

Capítulo 2 - ELABORAÇÃO DA PESQUISA

Com a ajuda da teoria do imaginário de Durand, que escolhi para nortear a minha pesquisa, e as contribuições de Moscovici para relações sociais, me proponho a conhecer um pouco da trajetória formativa, focando no sentimento de satisfação profissional e buscando investigar as representações dos professores a cerca dessa satisfação e realização profissional, e como também, conhecer um pouco a cerca dos elementos da história de vida de três professoras do Ensino fundamental I de uma escola filantrópica localizada na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro do Meier. Busco encontrar os sentimentos envolvidos na trajetória de vida dessas professoras e suas representações a cerca da satisfação e realização profissional, como também reconhecer como esses profissionais driblam as dificuldades encontradas em sala de aula no seu dia-a-dia de trabalho, sem que interfira na sua satisfação e realização em estar ali exercendo a profissão.

A pesquisa aqui referida será de método biográfico e de abordagem qualitativa, já que usarei um pouco de história de vida e trajetórias, no âmbito dos sentimentos, de cada uma das entrevistadas, para análise.

Histórias de vida, e tem como principal instrumento a entrevista aberta, sem roteiro pré-determinado. Busca encontrar, a partir da análise de percepções individuais, padrões universais de relações humanas, condutas e atitudes características de grupos sociais específicos. Essa perspectiva de investigação traz embutida, também, uma análise reflexiva, já que o sujeito ao relatar sua vida, não só descreve suas experiências e visão de mundo, como, inevitavelmente, identifica suas necessidades e dificuldades, bem como as estratégias de adaptação e superação de sua condição estigmatizada.

É caracterizada pela obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, valorizando-se mais o processo que o produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes, isto é o significado que eles atribuem às coisas e à vida. Dessa forma, são percebidos como as pessoas mais importantes no processo. **(Rev Esc Enferm USP 2003; 37(2): 119-26)**

2.1 - Caminhos para a construção e realização da entrevista.

A primeira parte da pesquisa foi na seleção das professoras que seriam entrevistadas. Como a escola é uma escola que eu tenho livre acesso, foi fácil a identificação das professoras com perfil para a segunda etapa que é a entrevista. As professoras foram escolhidas através de uma conversa, onde foi possível identificar o perfil procurado.

A entrevista foi baseada em duas perguntas abertas e norteadoras, onde as entrevistadas puderam responder livremente e espontaneamente, desenvolvendo o tema. Além da descrição da trajetória formativa (onde estudou, se teve algum professor que marcou etc) de cada uma e as contribuições dessa trajetória para sua vida profissional.

Pergunta 1 – Que aspectos você valoriza como elemento fundamental na sua realização como professor e como desenvolveu a partir da sua formação.

Pergunta 2 – Quais os aspectos que você considera que mais atrapalharam e de certa forma ainda atrapalham uma realização mais ampla do seu trabalho.

Capítulo 3 – ENTREVISTAS

Todas as entrevistadas aqui, aparecem com nomes fictícios, a fim de preservar a identidade de cada uma delas.

Entrevista 1:

A primeira entrevistada é a Dani, leciona na escola tem 4 (quatro) anos e esse ano está com a turma do 2º ano do Ensino fundamental I

Dani - *Eu sempre quis ser professora, estar em sala de aula, alfabetizar, só não sabia como porque não estudei em uma escola normal e não sabia que a faculdade de pedagogia me daria habilitação para este fim, fui descobrir apenas depois.*

Não cursei normal, fiz minha trajetória escolar toda em uma escola particular da zona norte, e fui aprovada no vestibular para pedagogia.

No início do curso me senti um pouco perdida com todo aquele meio, disciplinas bem teóricas e eu lutando para passar período por período, já que para mim tudo ali era novidade, pois meu ensino todo foi em uma escola regular, e não normal. Depois do primeiro estranhamento, fui me situando e arranjando estágios onde pude ter realmente a visão do que é estar em sala de aula. Apesar de algumas decepções, só consegui me encantar mais e mais com a profissão e com o dia- a dia do professor, que apesar de cansativo e de longe, sem dúvidas, fantástico e cheio de descobertas.

Essa minha vontade de ser professora, veio de uma professora que eu tive no C.A, na minha época se denominava classe de alfabetização. Como eu amava aquela professora, e sentia que era recíproco até porque ela permaneceu durante anos acompanhando a minha vida, participando não só da escolar, como da minha vida fora dela. Festas, passeios, ela sempre presente. Essa eu tinha certeza que amava o que fazia, e fazia da forma mais pura, carinhosa e paciente possível.

No meu estágio também tive contato, graças a Deus com professoras maravilhosas, totalmente preparadas para tudo, como inclusive para lidar com essas situações adversas que

sempre aparecem na vida do professor como a falta de um equipamento, a falta de um material, a falta de autonomia para uma tal coisa. É preciso estar preparado para se deparar com essas barreiras, para que possamos contornar da melhor forma possível, como eu faço hoje. Não permitindo então, que isso venha interferir no meu trabalho e na boa execução dele, até porque as crianças que ali estão precisam ser ensinadas da melhor maneira, pois é um direito dela.

Criar, inventar, reinventar, adaptar, são palavras chaves que eu uso para desviar de qualquer tipo de barreira que venha aparecer no meu dia-a-dia em sala de aula.

Entrevista 2:

A segunda entrevistada chama-se Rita, leciona na escola tem 8 (oito) anos e atualmente é professora no 2º B do Ensino Fundamental I

Rita- *Fiz normal, mas sem a vontade de ser professor. A escola era boa e meus pais quiseram que fosse estudar lá.*

Comecei a ter contato com os estágios, mas mesmo assim nunca pensei que seria professora. No último ano na escola normal, arranjei um emprego como professora em uma escola e comecei a exercer a profissão, fui ficando e percebi que precisava de uma formação além. Foi então que prestei vestibular e cursei estou cursando pedagogia numa faculdade particular.

Alguns professores me marcaram no sentido de postura em sala, de cuidado com o trabalho, no preparo de sua aula, porque o aluno sente quando o professor está preparado pra fazer aquilo e quando não está. Julgo que a profissão de professor requer exatamente isso, bastante cuidado, carinho e compreensão. Não estamos apenas transmitindo saber, estamos formando cidadãos, lidamos com pessoas, suas vidas, sentimentos e limitações. Professor é educador, amigo, psicólogo, consolador, incentivador.

Ser professor é ter um misto de sentimentos todos os dias, comandando a profissão. Quando a gente gosta do que faz, é mais fácil encarar os obstáculos, superar os imprevistos, adaptar uma coisa ali outra aqui, reinventar algo afim de que aquilo ajude na aprendizagem

do aluno. Mas, é claro que de vez em quando a falta de valorização da nossa profissão pesa bastante no dia a dia, assim como falta de estrutura que as vezes somos submetidas muitas das vezes mas nada que me faça deixar de gostar, ou melhor, amar o que faço.

Com bons sentimentos, boas ideias a gente dá um jeito aqui e ali, adapta uma coisa e outra e segue formando grandes alunos e seres humanos.

Entrevista 3

A terceira e última entrevistada chama-se Selma e leciona na escola tem 10 (dez) anos. Atualmente ela trabalha com a turma de 1º ano do Ensino Fundamental.

Selma- *Não idealizei ser professora de Ensino Fundamental I.*

A minha história é muito comum. Fiz meu ensino médio em uma escola particular, com o profissionalizante em técnico em contabilidade. Tentei dois vestibulares para Direito e como não passei para Universidade do Estado, precisei trabalhar.

Meu primeiro emprego foi em uma escola. Trabalhei na secretaria, até que na época a diretora me chamou e me aconselhou a fazer um curso para professores enquanto tentava o vestibular. Segui seu conselho e no ano seguinte passei no vestibular para História. Terminei o curso normal primeiro e só depois ingressei na faculdade.

Educar é formar, preparar e construir valores para o bem social. Nisso acredito que a escola atual, tem se esforçado no sentido de educar e formar um cidadão pleno. Porém observo grandes dificuldades no que diz respeito a valorização do profissional de educação em nosso país.

A transgressão de valores tem comprometido diretamente o papel do professor. O aspecto que mais atrapalha a realização do trabalho do professor, é toda uma estrutura a que ele é submetido. Precisamos que haja mais união entre os docentes, pais e toda a coordenação e direção da escola, para que exista de fato um bom desempenho em relação ao trabalho. Eu sempre faço o possível para que isso aconteça.

É preciso também que o aluno venha educado (com conceitos básicos) de casa, e que os pais tenham consciência de que sua presença e interesse na vida escolar do seu filho são de tamanha importância e ajuda para o desempenho escolar do seu filho.

O professor precisa de uma equipe escolar presente e que esteja disponível para discutir ideias, projetos e elaborar planos, que visem a autonomia do aluno e também a do professor.

E por último, não menos importante, os recursos físicos. Que o aluno tenha uma boa estrutura para estudo, não só eles, nós também precisamos para fazer melhor o nosso trabalho. Móveis inteiros, cuidados com a sala de aula (limpeza), matérias escolares disponíveis para uso, uma boa alimentação, enfim, um lugar mais confortável para o convívio e aprendizado do dia-a-dia em sala de aula, assim podendo ser desenvolvido plenamente. Quando todos esses itens listados acima forem sanados e utilizados em conjunto, o professor, sem dúvidas realizará seu trabalho de forma íntegra e se sentirá mais eficaz, o que o tornará mais feliz também.

Por fim, posso dizer que apesar de tantas barreiras, tantos empecilhos que aparecem no nosso caminho, procuro exercer minha profissão com cuidado, amor e carinho, para que assim seja mais fácil driblar os problemas que aparecem pelo caminho. Apesar de não imaginar antes ser professora, me sinto muito feliz e satisfeita com a escola tanto que já estou a anos exercendo e creio que com louvor, a minha profissão.

Como diz Augusto Cury: “Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.” Essa frase eu levo pra minha vida.

Educar é um ato de amor.

Capítulo 4 – ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA.

Neste capítulo vamos analisar os resultados da pesquisa, a fim de encontrar as equivalências presentes nelas.

Como não há dados estatísticos para desenvolver uma representação gráfica, a análise percorrerá os caminhos dos autores, (...). Os dados coletivos serão analisados agrupando-os por similaridades e encontrando o que os faz divergentes e comuns (OLIVEIRA, 2002, p. 231).

Para Bardin (1977, p.31), a Análise de Conteúdo é não só um instrumento, mas um “leque de apetrechos; ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Seguem-se vários caminhos, inclusive dando margem a pesquisas de natureza quantitativa ou qualitativa.

As narrativas aqui usadas são de suma importância até mesmo para o próprio colaborador da pesquisa, pois colocam em evidência os trajetos formativos dos professores, tanto para o pesquisador, quanto para o próprio docente, “pesquisador de si” (OLIVEIRA, 2004), que revê os momentos de sua trajetória que foram constitutivos do que é hoje e os conhecimentos construídos a partir do vivenciado, podendo, com isso, desconstruir representações instituídas socialmente e reconstruí-las a partir da análise e da reflexão. Nóvoa (2010, p. 23), “[...] ninguém forma ninguém e [...] pertence a cada um transformar em formação os conhecimentos que adquire ou as relações que estabelece [...]”.

Dito isto, primeiramente, tratando das trajetórias das professoras entrevistadas, podemos observar que duas delas não pensavam nem planejavam ser professoras, uma situação bem comum no meio. Outro ponto que apareceu pelo menos em duas entrevistas foram os professores que serviram como “espelho” para elas.

Os conceitos que mais aparecem em todas as entrevistas, são os conceitos aqui investigados, os sentimentos. Sejam eles bons ou ruins, de satisfação ou insatisfação com algo. As palavras **carinho, cuidado, amor, paciência**. A palavra **educar**, sempre vem ligada a essas palavras, além das **preparar, construir, valores**. Podemos perceber esses conceitos embutidos nas falas como, por exemplo:

Professora 1 (entrevista 1) – “(...) só consegui me encantar mais e mais com a profissão e com o dia-a-dia do professor, que apesar de cansativo e de longe, sem dúvidas, fantástico e cheio de descobertas.”

Professora 2 (entrevista 2) – “Julgo que a profissão de professor requer exatamente isso, bastante cuidado, carinho e compreensão. Não estamos apenas transmitindo saber, estamos formando cidadãos, lidamos com pessoas, suas vidas, sentimentos e limitações. Professor é educador, amigo, psicólogo, consolador, incentivador.”

Professora 3 (entrevista 3) – “Educar é formar, preparar e construir valores para o bem social. Nisso acredito que a escola atual, tem se esforçado no sentido de educar e formar um cidadão pleno.”

“Por fim, posso dizer que apesar de tantas barreiras, tantos empecilhos que aparecem no nosso caminho, procuro exercer minha profissão com cuidado, amor e carinho.”

“Educar é um ato de amor.”

Esses trechos destacados das entrevistas feitas aqui confirmam as representações dos sentimentos citados acima e que são sentimentos em comum no sentido da realização e satisfação profissional dos professores envolvidos nesta pesquisa.

Sendo assim posso concluir que os aspectos valorizados como elemento fundamental na realização com professor, são esses ligados ao gostar do que faz, e mais ainda, dar importância ao que se faz, exercendo da melhor forma a sua profissão, afim de que aqueles alunos tenham uma formação total e plena.

A base da realização dos professores entrevistados é agregar sentimentos bons, mesmo com as dificuldades encontradas no dia-a-dia de sua profissão. Pude concluir também, que isso faz parte de uma forma de representação social, na qual se encontra esse grupo professoras que de certa forma se identificam na forma com que trabalham e por isso partilham dessas representações.

“[...] as representações são sociais, pelo fato de serem fato psicológico, de três maneiras: elas possuem aspecto impessoal, no sentido de pertencer a todos; elas são representação de outros, pertencentes a outras pessoas ou outro grupo.” (MOSCIVICI, 2010 p. 211)

As falas delas também são carregadas de aspectos presentes no imaginário e na imaginação simbólica, que refletem nas relações sociais, como já ditos acima. Todo o contexto simbólico de sentimentos, carregados de emoção e afeto englobam o conceito de imaginário social e construção desse imaginário refletindo nas relações entre as pessoas e os grupos sociais, em questão o grupo envolvido é essas três professoras que foram aqui entrevistadas e seus sentimentos de satisfação e realização profissional.

Moscovici aponta a ideia das reapresentações sociais que como nesta pesquisa encontraria no imaginário do grupo a sua fonte: partindo dele que viria a se constituir e constituir o pensamento social deste grupo aqui pesquisado, como uma expressão simbólica deste mesmo imaginário. Caracterizado assim, o relacionamento entre as representações, Ou seja, esse grupo é relacionado pelas suas representações sociais, através do sentimento de satisfação e realização na docência.

Na segunda pergunta, foi possível constatar que os aspectos que mais atrapalham a realização delas, são também aspectos em comum como os **recursos físicos (falta de estrutura) e materiais (materiais para uso em sala de aula), a questão da autonomia, valorização da profissão.** Esses aspectos são percebidos em todas as entrevistas, como pode ser visto nos trechos destacados a seguir:

Professora 1 (entrevista 1) – “(...) *a falta de um equipamento, a falta de um material, a falta de autonomia para uma tal coisa.*”

Professora 2 (entrevista 2) – “(...) *a falta de valorização da nossa profissão pesa bastante no dia a dia, assim como falta de estrutura que as vezes somos submetidas muitas das vezes*”

Professora 3 (entrevista 3) – “*O professor precisa de uma equipe escolar presente e que esteja disponível para discutir ideias, projetos e elaborar planos, que visem a autonomia do aluno e também a do professor.*”

“E por último, não menos importante, os recursos físicos. Que o aluno tenha uma boa estrutura para estudo, não só eles, nós também precisamos para fazer melhor o nosso trabalho. Móveis inteiros, cuidados com a sala de aula (limpeza), matérias escolares disponíveis para uso, uma boa alimentação, enfim, um lugar mais confortável para a convivência e aprendizado do dia-a-dia em sala de aula, assim podendo ser desenvolver plenamente.”

Mas também foi satisfatório observar as palavras de “superação” encontradas nas entrevistas como: **superar imprevistos, criar, inventar, reinventar, adaptar**. Podemos observar nos trechos citados abaixo:

Professora 1 (entrevista 1) – *“Criar, inventar, reinventar, adaptar, são palavras chaves que eu uso para desviar de qualquer tipo de barreira que venha aparecer no meu dia-a-dia em sala de aula”*

Professora 2 (entrevista 2) – *“(…) gente gosta do que faz, é mais fácil encarar os obstáculos, superar os imprevistos, adaptar uma coisa ali outra aqui, reinventar algo afim de que aquilo ajude na aprendizagem do aluno.”*

Professora 3 (entrevista 3) – *“(…) procuro exercer minha profissão com cuidado, amor e carinho, para que assim seja mais fácil driblar os problemas que aparecem pelo caminho.”*

Os trechos destacados a cima, ressaltam os conceitos de superação sempre lembrados e falados por cada uma das professoras em suas entrevistas. Sendo assim, mais uma vez confirma os sentimentos de carinho, atenção, cuidado, amor, paciência, são os que norteiam a sensação de satisfação e realização de cada uma das entrevistadas aqui.

É notório que elas passam por dificuldades em sala de aula, mas que essas dificuldades são contornadas por elas da melhor forma possível, sem que isso venha interferir no seu trabalho e mais que isso, que isso venha a afetar de alguma maneira o aluno e sua aprendizagem, e isso também foi possível observar nos trechos em destaque. Por isso considero de suma importância a questão da autonomia levantada por elas. A falta de autonomia do professor muitas vezes impede que ele faça seu trabalho da maneira que acha apropriada para a turma, e muitas das vezes essa falta de autonomia bloqueia o professor.

Mesmo com todos os problemas a realização é sempre presente na fala de todas elas através dos sentimentos já citados anteriormente. E ressaltando mais uma vez que duas delas nem pensavam em exercer a profissão e hoje amam o que fazem o que é bem comum. Percebemos então que há um número expressivo de professores que tem muito a falar sobre os sentimentos intensos de satisfação e de prazer proporcionados pelo exercício da docência, por isso é importante estarmos atentos ao que eles têm a dizer sobre esse lado também.

Notou-se em algumas pesquisas professores satisfeitos e associando um sentimento de realização à docência. Entre estas pesquisas, está “Imagens de Professor: significações do trabalho docente”, comentada por Oliveira (2002, p. 45):

[...] encontramos na pesquisa integrada “Imagens de Professor: significações do trabalho docente”, um número significativo de representações que mostram uma outra face da docência – a experiência positiva e significativa construída no magistério. Um número expressivo de professores que estão no magistério hoje, se tivessem que escolher um ofício, escolheria novamente a docência e, muitos que não se pensaram professores acabaram por se produzir a partir de uma experimentação positiva e gratificante.

Pouco nota-se os professores destacando os aspectos positivos da docência, aqueles que são fonte de prazer, de alegria e de satisfação; aqueles que fazem com que o professor venha a jamais se arrepender da escolha profissional, saber dizer quais os motivos que o fazem continuar sentindo-se realizado mesmo após anos exercendo a profissão e continuar escolhendo a mesma, se pudesse escolher outra profissão.

A satisfação é uma resposta afetiva para aspectos do trabalho; é um estado prazeroso sentido em relação aos resultados do trabalho e, segundo Martinez e Paraguay (2003), que comentam Harris (1989), se dá como resposta à situação total do trabalho, já que ela é composta pelos componentes cognitivo (o que o indivíduo pensa sobre o trabalho) e afetivo ou emocional (o quanto bem uma pessoa se sente em relação ao trabalho).

Capítulo 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui estruturada foi de tamanha importância para minha formação, já que me fez perceber que apesar das dificuldades vividas no dia-a-dia da docência, ela ainda é muito satisfatória, tendo em vista que nos meus estágios ao longo do curso de Pedagogia da UFRJ, eu só ouvia e via reclamações a respeito da profissão e questionamentos de professores se realmente eu queria exercer a carreira, porque eu era nova e ainda podia tentar ser feliz de outra forma, porque para elas a docência não me traria essa felicidade e realização profissional. Observando também nos veículos de comunicação as constantes reivindicações, reclamações, queixas, e pra ser mais precisa, sempre o lado negativo da docência me propus a olhar com outro olhar as questões do ser professor e comecei a me questionar de forma a pensar que nem tudo na vida tem um lado negativo e só. Tudo na vida tem seus prós e contras, e foi aí que me dispus a procurar professores satisfeitos e realizados com a sua profissão, a fim de entender quem são eles, o que causa essa realização e satisfação, que sentimentos são esses envolvidos e também como eles encaram o cotidiano muitas vezes cansativo, exaustivo e estressante, sem que isso interfira na sua satisfação. E buscando entender como eles driblam as barreiras que encontram nesse dia-a-dia também não deixando ter interferência no que diz respeito a realização profissional.

Para fundamentar a pesquisa em questão, procurei o apoio em especial de dois autores e são eles: Serge Moscovici para entender o mundo das relações sociais, já que aqui estamos tratando de sujeitos e suas relações individuais e em grupo, então este autor me deu total suporte no que diz respeito a este assunto e já me preparou para o estudo do imaginário, onde um conceito está ligado ao outro.

Para a questão do imaginário e imaginação simbólica, procurei apoio no autor Gilbert Durand onde pude me situar nos conceitos acima e entender sobre como funciona as relações de sentimentos envolvidos nas trajetórias profissionais e de vida de cada uma das entrevistadas.

Com a união dos dois autores, foi possível entender o quão ligado estão esses dois conceitos de representações sociais e a questão da imaginação simbólica, o que foi de suma importância e agregou sentido as respostas das entrevistas feitas aqui e para que eu chegasse as minhas conclusões na hora da análise dos dados coletados.

Nesta pesquisa pude ter contato muito mais com os pontos positivos da docência, do que com os negativos, como eu procurava. Foi de suma importância para entender que mesmo que esse lado negativo seja sempre o mais exposto, o lado positivo existe, satisfaz e realiza diversos professores pelo mundo a fora, exemplo mínimo disto são as três entrevistadas aqui. A pesquisa serve também para se refletir o que os próprios professores que se permitem criar um imaginário negativo da sua profissão, e que precisamos não mais enfatizar esse lado, e sim procurar expor mais o lado positivo para que consigamos mudar esse imaginário da docência, como já tinha dito em algum ponto deste trabalho.

As barreias, as dificuldades, vão sempre existir mas aqui podemos perceber que de certa forma conseguem ser superadas, e é isso que a gente precisa evidenciar.

Concluo meu trabalho com mais certeza de que eu quero ser professora, com toda a assertividade do mundo, e se antes eu já respondia que queria ser, agora eu tenho total evidência da minha escolha. Com as alegrias e as tristezas, com as barreias e as superações e principalmente com muito amor, carinho, atenção e paciência.

Capítulo 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p

DURAND, G. (1964) **A imaginação simbólica**. Lisboa, 2000, Edições 70.

SPINDOLA, Thelma & SILVA, Rosângela. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Rev Esc Enferm USP 2003; 37(2): 119-26.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

OLIVEIRA, V. F. de. **As xícaras amarelas: imaginários e memória de uma rede de pesquisa**. In: PERES, L. M. V. (org.). **Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária / UFPel, 2004.

NÓVOA, A. **Prefácio**. In: JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.